

Inquérito confirma violência e sevícias

Do Correspondente em
CUIABÁ

Os depoimentos das testemunhas e de todos os envolvidos na morte do padre João Bosco Penido Burnier, apresentados ontem à imprensa, confirmaram as sevícias praticadas em presos por policiais da delegacia de Ribeirão Bonito. O soldado Ezy Feitosa Ramalho foi acusado pela maioria de seus colegas de ter agido com violência no caso, provocando o bispo dom Pedro Casaldáliga e o jesuíta antes de atirar contra este último. E todos desmentiram sua afirmação de que ajudou a socorrer a vítima tão logo soube que era um padre. Na verdade, Ezy Feitosa fugiu para o mato após o disparo.

O inquérito — presidido pelo coronel José Diniz, na qualidade de delegado especial — foi encerrado ontem. O processo deverá ser encaminhado ainda hoje ao juiz Flávio José Bertin, da comarca de Barra do Garças. Respondendo aos religiosos que pedem rapidez na tramitação do processo, o juiz Bertin disse ontem que já estão correndo 3 mil processos em sua comarca, que tem poucos recursos. "Não posso retirar um processo que está na frente para colocar este de Ribeirão Bonito" — acrescentou. "Todos seguirão a sua tramitação normal".

Ainda ontem, os sete policiais militares envolvidos diretamente no caso — um sargento, dois cabos e quatro soldados — ouviram, na delegacia de Barra do Garças, a leitura, pelo major João Monteiro da Costa Filho, da nota do comandante-geral da PM, coronel Geraldo de Oliveira e Silva, expulsando-os daquela corporação "a bem da disciplina". O ato de expulsão havia sido assinado na quinta-feira passada. Em seguida, foram transferidos para a cadeia da cidade goiana de Aragarças.

Estiveram também presentes na delegacia de Barra do Garças, para assinar o termo de identificação, os soldados Conceição de Oliveira Paulo e João de Souza Silva, contra os quais não há

qualquer culpa formada, embora estivessem na região durante o assassinio do padre.

O ex-cabo Juracy Pedro da Silva de 30 anos que comandava o destacamento policial de Ribeirão Bonito, contou em seu depoimento que Ezy Ramalho deu um tapa na mão do padre João Bosco quando este tirou do bolso sua carteira de identidade, derrubando o documento no chão. Quando o jesuíta abaixou-se para apanhá-lo, levou um empurrão e levantou-se dizendo que iria a Brasília denunciar as violências às autoridades e à imprensa. Essa ameaça teria irritado ainda mais o soldado, que sacou sua arma, atirou no padre e fugiu em seguida.

"Ainda mandei os soldados atrás dele" — declarou Juracy Pedro da Silva. (Essa afirmação, entretanto, foi desmentida por dom Pedro Casaldáliga.) "Porém, como estava escuro e o Ezy não é flor que se cheire, tratandose de elemento perigoso e agressivo, os soldados voltaram". O ex-cabo disse também que por diversas vezes Ezy lhe contara histórias de violências por ele praticadas, quando serviu na polícia de Goiás.

Uma das principais testemunhas do assassinio do padre João Bosco foi um menino de 12 anos, Genivaldo Pedro Nunes. Segundo seu depoimento, às 19 horas da aquela segunda-feira ele dirigia uma caminhoneta de seu pai transportando cinco soldados. Ao chegar à delegacia de Ribeirão Bonito para deixar os soldados, já se encontravam ali o padre João Bosco Burnier e o bispo dom Pedro Casaldáliga, conversando com os policiais.

O menino disse que viu Ezy Ramalho segurando seu revólver com a mão direita e batendo com a esquerda no padre. Em seguida, conti-

nuou o assassino apontou a arma junto à barriga do jesuíta e, quando este levantou o braço para afastar o revólver, Ezy atirou em sua cabeça. "O padre caiu — afirmou Genivaldo — e o Ezy, meio assustado, disse ao cabo Messias que atirou sem querer".

Juarez Tarcísio Dayrell, de 21 anos, que acompanhava o bispo Casaldáliga e o padre Burnier até a delegacia, disse em seu depoimento que tão logo os dois religiosos começaram a falar com os policiais, um deles, acusou o prelado de atrapalhar a polícia, classificando-o de subversivo e afirmando que para ser homem "ele tinha de vestir calças".

"Depoimento aqui é cacetete. Vocês vão sair daqui aos pedaços. Eu quero beber sangue desta negra feiticeira" — A ameaça, dirigida especialmente a Margarida Barbosa da Silva, de 54 anos, teria sido feita pelo ex-cabo Juracy Pedro da Silva, segundo Yolanda Eloísa dos Santos, de 27 anos. Essas duas mulheres e mais Santana Rodrigues dos Santos e o rapaz José Antonio da Silva confirmaram em seus depoimentos que foram espancados e torturados pelos policiais.

Segunda-feira, o ex-soldado Ezy Ramalho foi ouvido novamente, no que um policial qualificou de "depoimento extra inquérito", para, segundo se soube, revelar o nome de uma autoridade que estaria comprometida no caso.